

Da Teoria à Prática em Pesquisas nas Ciências Sociais Aplicadas



**Denise Pereira
Maristela Carneiro
(Organizadoras)**

Atena
Editora
Ano 2021

Da Teoria à Prática em Pesquisas nas Ciências Sociais Aplicadas



**Denise Pereira
Maristela Carneiro
(Organizadoras)**

Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Da teoria à prática em pesquisas nas ciências sociais aplicadas

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Kimberly Elisandra Gonçalves Carneiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Maristela Carneiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T314 Da teoria à prática em pesquisas nas ciências sociais aplicadas / Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-944-8

DOI 10.22533/at.ed.448210104

1. Ciências sociais. I. Pereira, Denise (Organizadora). II. Carneiro, Maristela (Organizadora). III. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Esta coletânea reúne capítulos que versam sobre os trânsitos da teoria à prática. Para tanto, há que se pensar em uma teoria e uma prática que estejam além do discurso descompromissado do cotidiano, afinal pensar a respeito de algo e agir sobre não são movimentos indiscutivelmente divorciados e irreconciliáveis. É evidente que entre as elaborações teóricas desenvolvidas no ambiente acadêmico e a implementação de políticas públicas robustas que efetivamente afetam positivamente as vidas das pessoas, há um longo caminho.

Dito isso, ao contrário do que sugere o senso comum, teoria e prática não são oponentes, mas apenas segmentos distintos do mesmo processo.

Sem compreender como uma sociedade se constituiu historicamente e quais são as estruturas que a governam, não é possível detectar possíveis problemas, elaborar alternativas ou proporcionar inovações. O Brasil, problema maior do qual emanam todos os dilemas menores investigados nestes textos, construiu-se ao longo de cinco séculos preservando fortes estruturas coloniais, classistas e racistas, algo que, enquanto visto como uma realidade cristalizada no passado por uma parcela privilegiada da população, ainda marca profundamente nossas negociações sociais, permanecendo muito viva nos combates cotidianos.

A presente coleção compreende trabalhos que abordam questões pertinentes ao direito e aos desdobramentos jurídicos, às políticas educacionais, às iniciativas de desenvolvimento econômico, à manutenção da saúde física e mental, à segurança pública e ao empreendedorismo. Todos estes temas, embora caracterizados por incontáveis especificidades no que diz respeito às metodologias adotadas e resultados esperados, são fundamentalmente elaborações emanadas da malha social, de tal maneira que todos devem ser contemplados por uma mirada global e complexa dos ambientes em que residimos e construímos nossas vidas coletivas.

O estudo das dinâmicas aqui expostas aponta para um desenvolvimento positivo, uma conexão mais visível e fortalecida entre o espaço acadêmico e o mundo fora dos muros das universidades ou da vida acadêmica. As pesquisas que compõem essa obra são sintomáticas de núcleos de pesquisa cujo olhar está voltado para as ruas, praças, postos de trabalho e núcleos populacionais que fazem parte de nossas vidas e demandam nossa atenção.

A vida humana, justamente por sua composição essencial e inevitavelmente social, existe em constante fluxo. Nossas existências, compulsoriamente coletivas (por mais que tentemos nos pensar autossuficientes) são caracterizadas pela mudança, e é através do estudo aprofundado e reflexivo dessas relações dinâmicas, como as investigações aqui reunidas, que podemos esperar constituir sociedades mais estáveis, inclusivas e justas.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Maristela Carneiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

(DES)COLONIALIDADE, DIÁLOGO INTERCULTURAL E ETNORECONHECIMENTO NOS MUSEUS: DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO E A MUSEOLOGIA CONTEMPORÂNEAS

Maria Amelia Souza Reis

DOI 10.22533/at.ed.4482101041

CAPÍTULO 2..... 20

A DESCONSIDERAÇÃO DA PERSONALIDADE JURÍDICA NA REFORMA TRABALHISTA E SEUS IMPACTOS NO DIREITO EMPRESARIAL

Josemar da Silva Abrantes

Renata Silva Gomes

DOI 10.22533/at.ed.4482101042

CAPÍTULO 3..... 27

A GESTÃO DO CONHECIMENTO COMO AUXÍLIO À INTELIGÊNCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA

Felipe Pereira de Melo

Arthur Gualberto da Cruz Bacelar Urpia

Rejane Sartori

DOI 10.22533/at.ed.4482101043

CAPÍTULO 4..... 43

A IMPORTÂNCIA DA SAÚDE FÍSICA E MENTAL DOS POLICIAIS MILITARES DO ESTADO DO PARANÁ

Cristiano José Barreto

DOI 10.22533/at.ed.4482101044

CAPÍTULO 5..... 53

A PRÁTICA DA LEITURA NO PROCESSO DE (RE)SOCIALIZAÇÃO

Hillary Mariane Lapas Fujihara

Patricia Helena de Freitas

DOI 10.22533/at.ed.4482101045

CAPÍTULO 6..... 68

A RECEPÇÃO E A REELABORAÇÃO DO CONCEITO DE PLANIFICAÇÃO POR GUERREIRO RAMOS (1945-1953)

Alan Caldas

DOI 10.22533/at.ed.4482101046

CAPÍTULO 7..... 83

ANÁLISE FOLHA DE PAGAMENTO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE NATAL/RN, NOS ANOS DE 2012 A 2016 – RUBRICA SALÁRIO FAMÍLIA

Clara Larissa Pinto de Araújo

Edzana Roberta Ferreira da Cunha Vieira Lucena

Erivan Ferreira Borges

DOI 10.22533/at.ed.4482101047

CAPÍTULO 8	88
ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE LIDERANÇA E CAPACIDADE ABSORTIVA DO CONHECIMENTO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA	
Daniela de Oliveira Massad	
Daniele Santos de Oliveira Archanjo de Souza	
Andreia Maria Pedro Salgado	
Édis Mafra Lapolli	
Fernando Augusto Silva Marins	
DOI 10.22533/at.ed.4482101048	
CAPÍTULO 9	100
CAIR, LEVANTAR E RECUPERAR: RESILIÊNCIA FINANCEIRA DOS MUNICÍPIOS PARANAENSES FRENTE A DESASTRES CLIMÁTICOS	
Tomas Matheus Giacomet de Oliveira	
Priscila dos Santos Schiavo	
Denis Dall'Asta	
Clóvis Fiirst	
DOI 10.22533/at.ed.4482101049	
CAPÍTULO 10	111
CERÂMICA VIVA	
Isabela Frade	
DOI 10.22533/at.ed.44821010410	
CAPÍTULO 11	124
COOPERAÇÃO TECNOLÓGICA: ALTERNATIVAS À PRODUÇÃO DE INOVAÇÃO DECORRENTE DE PESQUISAS BÁSICAS DESENVOLVIDAS NAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE ENSINO SUPERIOR	
Samantha Frohlich	
Eliana Cunico	
Gabriela Christ	
DOI 10.22533/at.ed.44821010411	
CAPÍTULO 12	140
DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL: DOIS LADOS DA MESMA MOEDA?	
Ralph José Neves dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.44821010412	
CAPÍTULO 13	152
DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL, POLÍTICAS PÚBLICAS E INOVAÇÃO SOCIAL NO ALTO JEQUITINHONHA – MG: OS CÍRCULOS DE COOPERAÇÃO SOCIAL	
Allain Wilham Silva de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.44821010413	

CAPÍTULO 14.....	174
ELEMENTOS RELEVANTES NO PROCESSO DE COPRODUÇÃO NA PERCEPÇÃO DA EQUIPE	
Gladys Milena Berns Carvalho do Prado	
Roberto Carlos dos Santos Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.44821010414	
CAPÍTULO 15.....	185
ENTIDADE ASSISTÊNCIAL: CENTRO DE REFERÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL (CRAS) DE SÃO JOÃO DA URTIGA	
Bruna Hariane da Costa	
Emanuel Zanandréa	
Valéria Fracaro	
Valquíria Scolari	
Willian Sbruzzi	
DOI 10.22533/at.ed.44821010415	
CAPÍTULO 16.....	204
ESTADO DA ARTE DA PESQUISA EM PERÍCIA CONTÁBIL: UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA EM ESTUDOS NACIONAIS DURANTE O PERÍODO DE 2008 A 2018	
Clara Alice Spies	
Lucimara Aparecida Zancheta	
Liliane Dalbello	
DOI 10.22533/at.ed.44821010416	
CAPÍTULO 17.....	226
GOVERNANÇA METROPOLITANA NA ESCALA LOCAL FRAGILIDADES, ENTRAVES E POSSIBILIDADES DOS MUNICÍPIOS DO VETOR NORTE DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE	
Natália Aguiar Mol	
Sophia Guarnieri	
Barbara Lúcia Pinheiro de Oliveira França	
Jordan de Oliveira Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.44821010417	
CAPÍTULO 18.....	243
GUIA PRÁTICO DE ATENDIMENTOS EM COACHING COM FERRAMENTAS COMPORTAMENTAIS, DE PLANEJAMENTO E DE GESTÃO	
Vera Ruth de Carvalho Fidalgo	
Rilvanda Maria Pires Santos	
Caroline das Graças dos Santos Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.44821010418	
CAPÍTULO 19.....	275
IDENTIFICAR A RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM NA EMPREGABILIDADE DOS EGRESSOS DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO	
Luiz Laertes de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.44821010419	

CAPÍTULO 20.....	297
INCLUSÃO DIGITAL EM JOGOS DIGITAIS EDUCACIONAIS: ANÁLISE POÉTICA DO JOGO SOLITAIREQUIZ	
José Roberto Cordeiro	
Luciane Maria Fadel	
DOI 10.22533/at.ed.44821010420	
CAPÍTULO 21.....	309
INSTRUMENTO DE ENSINO E APRENDIZAGEM PARA O CONHECIMENTO CIENTÍFICO: ATIVIDADE INTEGRADORA DO PLANEJAMENTO A PRÁTICA	
Fábio Teixeira Lima	
Felipe Lopes de Lima	
Gernei Goes dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.44821010421	
CAPÍTULO 22.....	320
MU (SEU): ESPAÇO DE CONEXÃO COM O PÚBLICO	
Aline Tavares	
DOI 10.22533/at.ed.44821010422	
CAPÍTULO 23.....	332
NARRATIVAS DE VIDA DE SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ: EXPRESSÃO HUMANISTA DOS DIREITOS DAS MULHERES NA AMÉRICA LATINA	
Adriana do Carmo Figueiredo	
DOI 10.22533/at.ed.44821010423	
CAPÍTULO 24.....	346
O PAPEL DE ATUAÇÃO E INTERVENÇÃO DO CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL(CRAS) DE UBATÃ-BAHIA E A POPULAÇÃO ATENDIDA ENTRE 2016 E 2017	
Pricila Pereira dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.44821010424	
CAPÍTULO 25.....	359
OS ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM EM UM PLANO DE AULA SEGUNDO O MÉTODO DA NEOAPRENDIZAGEM	
Gladys Milena Berns Carvalho do Prado	
Graziela Grando Bresolin	
Patricia de Sá Freire	
Roberto Carlos dos Santos Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.44821010425	
CAPÍTULO 26.....	373
RACISMO, MACHISMO, SEXISMO NA PUBLICIDADE: UM DILEMA ENTRE A CRIATIVIDADE E O DISCURSO POLITICAMENTE CORRETO	
Marina Aparecida Espinosa Negri	
DOI 10.22533/at.ed.44821010426	

CAPÍTULO 27.....	388
TÉCNICAS DE ANÁLISE DE PROJETOS DE INVESTIMENTOS – UM ESTUDO DE CASO EM UMA COOPERATIVA AGROPECUÁRIA	
Amanda Silva Abrão	
Glória de Freitas Rocha Ribeiro	
Leôncio Campos Gouveia	
Mariana de Pádua Alves	
Marcos Roberto Alves da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.44821010427	
CAPÍTULO 28.....	405
BIBLIOMETRIA COMO TRILHA DE CONHECIMENTO E PESQUISA	
Rafael Angelo Santos Leite	
Marina Bezerra da Silva	
Iracema Machado de Aragão	
Maria Emilia Camargo	
DOI 10.22533/at.ed.44821010428	
SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	418
ÍNDICE REMISSIVO.....	419

CAPÍTULO 1

(DES)COLONIALIDADE, DIÁLOGO INTERCULTURAL E ETNORECONHECIMENTO NOS MUSEUS: DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO E A MUSEOLOGIA CONTEMPORÂNEAS

Data de aceite: 22/03/2021

Maria Amelia Souza Reis

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-UNIRIO-Br

Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio-PPG-PMUS/MAST

Universidade de Coimbra-Centro

Interdisciplinar de Estudos do Século XX- CEIS 20-Pt

<http://lattes.cnpq.br/0334448997937512>

RESUMO: Propor como tema de reflexões e estudos as tensões existentes entre colonialidade (Quijano,2009), colonialismo (Santos,2006/2009), diálogo intercultural (Ouellett) e etnoReconhecimento (Reis, 2006) como elementos capazes de repensar o patrimônio cultural material/imaterial e a Museologia como campo teórico em sua relação contemporânea com a Educação nos Museus é o desafio que motiva este trabalho. A interculturalidade entendida como dimensão prática e subjetiva possível ao encontro da diversidade humana com vistas ao etnoReconhecimento por todos, se entrelaça aos conceitos citados, objetivando aprofundar a reflexão sobre os embates e contradições presentes nos desafios para uma Educação político-crítica (Freire, 1992) nos Museus como para a Museologia, entendida como campo teórico em disputa nessas instituições. De modo a compreender a articulação diversidade(s) e sua negação como próprias das formas de explicar

o real, sendo este instituído um dos elementos formativos do colonialismo com sua cultura unicista, propus em artigo no XXII ICOFOM LAM a descolarização das ações educativas nos Museus, colocando como ênfase no trabalho atual a importância do diálogo intercultural e da metodologia da práxis como forma superadora das condições de invisibilidade presentes na exclusão primária dos conhecimentos e formas de conhecer que não se encaixam no padrão hegemônico – os conhecimentos populares, indígenas, camponeses, africanos, etc., bem como daqueles que ainda se intimidam com os espaços e formas de conhecer museológicos considerados superiores àqueles construídos em seus grupos sociais. Em síntese, este artigo, para além de um resumo teórico, vem demonstrar as possibilidades voltadas para a educação nos ambientes museológicos em sua dinâmica interna e externa como processo e como ruptura de uma linearidade operatória, mecânica e estrutural estática e, por vezes, artificial capaz de isolar a muitos da experiência múltipla e plural nos museus.

PALAVRAS - CHAVE: Educação intercultural - museus – etnoReconhecimento.

(DIS) COLONIALITY, INTERCULTURAL DIALOGUE AND ETHNORECOGNITION IN MUSEUMS: CHALLENGES FOR CONTEMPORARY EDUCATION AND MUSEOLOGY

ABSTRACT: To propose as a theme of reflections and studies the tensions between coloniality (Quijano, 2009) / colonialism (Santos, 2006/2009) intercultural dialogue (Ouellett) and

ethnoRecognition (Reis, 2006) as elements capable of rethinking the cultural, material / Immaterial and museology as a theoretical field in its contemporary relation with museum education is the challenge that motivates this work. Interculturality understood as a practical and subjective dimension to the encounter of human diversity with a view to ethno Recognition by all, is intertwined with the aforementioned concepts, aiming to deepen reflection on the conflicts and contradictions present in the challenges to a political-critical education (Freire, 1992) In museums as well as in museology, understood as the theoretical field in dispute in these institutions. In order to understand the articulation of diversity (s) and its negation as proper of the ways of explaining the real, this being instituted one of the formative elements of colonialism with its unicist culture, I proposed in article XXII ICOFOM LAM the descolarization of educational actions in museums , Emphasizing in the current work the importance of intercultural dialogue and praxis methodology as a way of overcoming invisible conditions present in the primary exclusion of knowledge and ways of knowing that do not fit the hegemonic pattern - popular, indigenous, peasant, Africans, etc., as well as those who are still intimidated with spaces and ways of knowing museological considered superior those built in their social group. In summary, this article, in addition to a theoretical summary, demonstrates the possibilities for education in the museological environments in its internal and external dynamics as a process and as a rupture of a static, mechanical and structural linearity that is sometimes artificial Capable of isolating many from multiple and plural experience in museums.

KEYWORDS: intercultural education - museums - ethnoRecognition

INTRODUÇÃO

Como identificar quando um campo de conhecimento se preenche de “ausências” que se mostram em sua rota de desenvolvimento? Quais e como concepções oriundas de outras áreas do conhecimento científico podem ser apropriadas pela museologia e pelo patrimônio em seu sentido teórico e prático? Como formulações sociopolíticas podem contribuir para a melhoria das práticas museológicas inclusivas na América Latina e Caribe? Reconheço como Canclini (2011, XVII) que “alguns conceitos irrompem com força, deslocam outros ou exigem reformulá-los” como fator de fortalecimento de campos interdisciplinares ou, mesmo, como dimensões organizadoras de conflitos, consensos ou dissensos além de evidenciarem contradições nas Ciências Sociais, especialmente nas Ciências Sociais Aplicadas em meio a variações históricas e territoriais. Assim, neste artigo me proponho a discutir concepções apropriadas por outras áreas do conhecimento que podem vir a contribuir para a compreensão das tensões existentes entre patrimônio cultural, material/imaterial, e a Museologia como campo teórico em sua relação contemporânea com a Educação nos Museus a partir de estudos e reflexões entre colonialidade/colonialismo, diálogo intercultural e etnoReconhecimento como elementos capazes de repensar o trabalho educativo nos Museus em um mundo pleno em hibridações (Canclini, XIX) e identidades que se desterritorializam em um mundo novo de globalizações planetárias e intensamente desigual. Este é o desafio que motiva este trabalho.

A colonialidade (Quijano,2009) engendradora nos meios e nas múltiplas dimensões do poder capitalista tendo sua versão mais adensada em meio ao colonialismo ao qual se vincula frequentemente impondo classificações a partir das relações raciais e étnicas provenientes deste poder. O colonialismo compreende uma dimensão intrínseca de dominação/exploração de uma sociedade sobre outra atuando no controle das ações políticas e sociais, na produção e no trabalho das populações em sociedades determinadas e em outra jurisdição territorial, como nos mostra Santos (2006, 2009), em *Epistemologias do Sul* (Santos&Meneses, 2009). Outro conceito fundamental que aqui discutimos refere-se à interculturalidade e ao diálogo cultural a ele imanente, entendidos como dimensão prática e subjetiva que possibilita o encontro da diversidade humana com vistas ao *etnoReconhecimento de todos* (Reis, 2006)¹. Concepções estas que neste artigo se entrelaçam intimamente aos conceitos citados anteriormente e que contribuem para aprofundar a reflexão sobre os embates e contradições presentes nos desafios para uma educação político-crítica (Freire, 1897) nos Museus como para a Museologia, entendida como campo teórico em disputa nessas instituições.

De modo a compreender a articulação diversidade(s) e sua negação como próprias das formas de explicar o real e, sendo este instituído um dos elementos formativos do colonialismo com sua cultura unicista, propus em artigo no XXII ICOFOM LAM a descolarização das ações educativas nos museus² ao colocar como ênfase em qualquer experiência educativa a importância do diálogo intercultural indicando-a como forma superadora de condições de invisibilidade presentes na exclusão primária dos conhecimentos e nas formas de conhecer que não se encaixam no padrão hegemônico – os conhecimentos populares, indígenas, camponeses, africanos, ciganos, etc., bem como dos saberes daquelas pessoas que ainda se intimidam com os espaços e formas de conhecer nos museus por considerá-los superiores àqueles construídos por eles em seu grupo social específico.

O Museu e seu patrimônio, no seu processo de alargamento/acolhimento desse público, por muitas vezes, invisibilizado, é capaz de introduzir inadiavelmente a heterogeneidade do meio social e cultural de onde provêm e que tem sido interpelado pelos vários processos de exclusão e impedimentos em sua inserção com plenitude nas sociedades primordialmente plural e múltipla. A inadequação dos programas educativos, na maioria das vezes simplistas, excludentes e prescritivos, bem como a indiferença que se impõe com frequência nesses espaços educativos vigoram à exemplo do que ocorre

1 *EtnoReconhecimento* é um termo utilizado por esta autora para designar a compreensão de si por si mesmo em suas relações étnicas singulares, tomando a si o sentido e sentimento de pertença a um determinado grupo e identidade social de origem. Ou seja, o quilombola entender-se como pertencente ao seu grupo de origem e não aquele para o qual os discursos de negatividade de outros os levam a adotar.

2 “A *“Descolarização/Descolonização dos museus: uma reflexão acerca da pedagogização da prática educativa museológica”* IV Seminário de Pesquisa em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola ... Regional de Museologia para a América Latina e o Caribe- ICOFOM LAM. II Seminário de Gestão do Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia. - Educación y Acción Cultural-Ceca. Eixo 3.3 - La dimensión social del patrimonio; la diversidad cultural y la alteridad, lo global y lo local: pilares de la educación museal

em diferentes sociedades na América Latina causando *apartheids*, dissimulações e silenciamentos étnicos. Daí, a necessária e imediata inclusão de metodologias e práticas interculturais que se pautem pelo encontro de novas configurações de sentido e de uma práxis indispensável à transformação social e cultural, - uma metodologia da práxis que se organize a partir de um conjunto de conhecimentos essenciais à construção de uma cidadania ativa e plena, promovida pelo museu como instituição educativa por excelência. Assim compreendidos, os museus são chamados a responder aos novos apelos criados pelas situações que se colocam: globalização intensa e intensificação de identidades locais (individuais e coletivas) na busca por fortalecerem-se e conviverem em igualdade de condições no esbatimento dos fundamentos hegemônicos.

Não se pode esquecer que a modernidade em sua experiência histórica não parece ter terminado o exercício secular de homogeneizações, configuradas por elementos consistentes destinados à sua permanência *ad eternum* em relações contínuas, lineares e unidirecionais. Como argumenta Santos (2009, p.181) *“esta negação da diversidade das formas de perceber e explicar o mundo é um elemento constitutivo e constante do colonialismo”*.

Vistos da perspectiva até aqui colocada, pode-se afirmar que os Museus carregam em si mesmos um grande desafio a resolver, por um lado, a heterogeneidade que caracteriza as sociedades contemporâneas e, por outro lado, o desvendamento das identidades e das culturas híbridas³ em suas necessidades de mais conhecimentos do/no mundo planetarizado e intensamente segregacionista, sem deixar de lado tanto a pluralidade cultural quanto a homogeneidade fundamentalista encontrada lado a lado com a plenitude cidadã que se deseja e se requer encontrar.

Apesar das muitas e bem marcadas políticas públicas e sociais que pressupõem a homogeneização das ações educativas carregadas de problemas comuns, impostos pela vertente unicista presentificada em todas, importa-nos afirmar que a educação deve ser diferenciada, pois ensinar-aprender-ensinar é processo que compreende fenômenos complexos, híbridos e holísticos favoráveis ao conhecer-se si mesmo e a seu grupo étnico-sócio-cultural de pertença e a outros em suas diferenças.

O presente artigo entra no circuito de reflexões acadêmicas provenientes tanto do projeto de pesquisa⁴ ao qual dedico minhas atenções quanto no desenho metodológico impresso em minhas aulas na disciplina que coordeno no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS/MAST⁵ e que buscam articular patrimônio

3 Para melhor entendimento do termo recorrer a Canclini em “Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair de modernidade” (2011) na Introdução à Edição de 2001: “As culturas híbridas em tempos de globalização”.

4 é resultado ampliado da pesquisa “Educação como Patrimônio Pessoal e Cultural: Etnoconhecimento para um Etno-Reconhecimento: a importância da educação diferenciada e intercultural com qualidade social”. Este projeto caracteriza-se por trazer em si os elos entre ensino, pesquisa e extensão, focalizando a educação como patrimônio pessoal/cultural e toda a diversidade que lhe é implícita.

5 Disciplina: Museologia, Patrimônio, Educação e Interpretação que traz como ementa: Sujeito e percepção. Abordagem teórico-pedagógica da Museologia e do Patrimônio. Museologia, educação e ação comunitária. Pedagogia da liberdade e da esperança: o museu como formador de mentalidades.

cultural, educação, museus e museologia a partir de estudos práticos e teóricos. Ao assumir, portanto, a educação como patrimônio cultural material/imaterial aposto em seu caráter dinâmico e processual oriundos da imensa diversidade de práticas produtivas, ritualísticas e simbólicas que são constantemente reiteradas, transformadas, atualizadas e rememoradas de forma a que o grupo social nela e, por ela, inserido mantenha o vínculo humano indispensável entre o presente, o passado e o futuro em construção.

Em síntese, para além de um resumo teórico essa pesquisa vem demonstrar as possibilidades de transformações sociais que se voltam para a comunicação nos ambientes museológicos e sua dinâmica interna e externa como processo, como ruptura de uma linearidade operatória, mecânica e estrutural estática e, por vezes, artificial, na medida em que as práticas exercidas não se podem descolar da pesquisa constante do meio ambiente museológico, voltando-se para os modos e as metodologias que organizam os cotidianos dos espaços nos Museus. Importa trazer à luz a importância da sinergia que agrega os diferentes objetos museológicos entre si, ajusta o olhar para a dinâmica da gestão educativa e para o exercício reflexivo necessário à compreensão dos problemas colocados para estudo, em sua articulação com um projeto museológico capaz de (des)colonizar/(des)escolarizar conhecimentos historicamente apreendidos e fundamentais a tornarem-se objetos e base empírica para inovadoras pesquisas científicas no campo.

Concepções sociopolíticas interdisciplinares e inclusivas para repensar o Patrimônio, a Museologia e o Museu Educativo

Quais e como concepções oriundas de outras áreas do conhecimento científico podem ser apropriadas pela Museologia e seu objeto – os Museus, e pelo patrimônio em seu sentido teórico e prático? Como formulações sociopolíticas podem contribuir para a melhoria das práticas museológicas inclusivas na América Latina e Caribe? Reconheço como Canclini (2011, XVII) que alguns conceitos irrompem com força, deslocam outros ou exigem reformulá-los, fortalecendo campos em sua interdisciplinaridade ou, mesmo, como dimensões organizadoras de conflitos, consensos ou dissensos e contradições nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, especialmente no campo em estudo, tendo sempre presente a diversidade histórica, identitária e territorial.

Transformações atuais na comunicação visual dos museus na América Latina e, com destaque no Brasil dos grandes eventos, tem se tornado peça fundamental para refletirmos sobre a Museologia e o Museu, - em suas relações com o social e o cultural em sua diversidade. Os últimos anos se tem observado intensas filas de público ávido por conhecer as exposições de arte em Museus e Centros Culturais, principalmente no eixo Rio-São Paulo-Brasília, onde as visitas crescem a cada final de semana, épocas de feriados e férias escolares. Entretanto, esse dado se conflita com aqueles apresentados por Jordão e Allucci, na pesquisa “Panorama Setorial da Cultura Brasileira” (2013/2014)⁶

6 A investigação delineou-se com o objetivo de compreender o que mobiliza os brasileiros para o consumo cultural – aqui entendido como práticas culturais – bem como quais os tipos de produtos e serviços culturais são consumidos.

no qual, entre outros dados referentes aos conteúdos culturais e ao consumo das artes, aponta para a discrepância entre o percentual de público frequentando museus na totalidade das cidades brasileiras – 92% dos brasileiros não frequentam essas instituições. As conclusões da pesquisa em tela nos trazem alguns dados importantes para repensar as tensões existentes, que caminham da ordem do individual ao coletivo, nas quais se incluem o desejo, a motivação, o interesse do público brasileiro em visitar e apropriar-se dos conhecimentos produzidos e que estão sob a guarda dessas instituições educativas. Assim, vejamos algumas considerações que poderão contribuir para ampliar a discussão ao tomar-se a relação público “consumidor” do patrimônio cultural exposto e o reconhecimento, da importância da educação integral e de sua metodologia própria, - a metodologia da práxis, além dos pressupostos conceituais em estudo, nesse artigo, como meta na tarefa de transformação com qualidade social dos ambientes museológicos.

Inicialmente os autores da pesquisa de dados citada chamam atenção para o baixo índice de envolvimento dos brasileiros com atividades culturais. O mapa de associações na pesquisa demonstra que a noção de cultura não faz parte do cotidiano das pessoas pesquisadas, embora experiências culturais sejam imanentes aos diversos grupos sociais imersos em culturas. A ideia de erudição que trazem em seu imaginário é de algo longe do conhecimento dos *pobres mortais*. Compreensão importante para a elaboração de políticas inclusivas nos espaços culturais.

Outra questão relevante é a influência dos pais nos interesses de cunho culturais dos filhos, na qual a prática de alguma religião (66%), indica que tais atividades culturais devem ser experienciadas desde a infância; além de passeios em parques e ao ar livre (58%); festas regionais/típicas/quermesses (54%) e ouvir música (54%) são práticas de interesse. No entanto, visita a museus ou galerias nem mesmo são referidas. Fato que nos mostra a importância dos processos educativos e o envolvimento das famílias como dados importantes às transformações requeridas para os museus e que têm a ver com a educação de modo geral. A *prática religiosa* como elemento mais representativo da amostra pesquisada, torna possível depreender que a religiosidade cumpre, além das necessidades de inclusão social é, também, a grande formadora de sentido para os brasileiros. De onde se pode concluir que grande parte do imaginário cultural do brasileiro se dá a partir da ideologia religiosa e que ela concorre diretamente com as demais práticas sociais e culturais.

Em relação a migração que envolve a questão da diversidade e das diferenças étnicas e identitárias, ¾ da amostra declara que continuam vivendo no mesmo lugar onde nasceram seus pais com destaque, o Norte e o Sudeste, onde 84% vivem na mesma região de suas famílias. Fato que indica as dificuldades dos migrantes em terras estranhas a eles.

Quanto às *atividades culturais mais praticadas em casa*: ouvir música (44%); assistir à TV (39%), ouvir rádio (35%) e acessar a internet (30%). *Atividades culturais mais*

1620 pessoas responderam ao questionário apresentado pelos autores em 74 municípios e nas cinco regiões do Brasil.

praticadas fora de casa: ir ao cinema é a prática cultural mais citada - 35% dos respondentes, sendo ação e aventura o estilo de filme mais apreciado. Apenas 15% da amostra indicam o hábito de *frequentar museus e galerias com maior incidência* no Sudeste. Vejam, aventura e ação poderão nos levar à conquista de maior público sendo principal fator de apreciação e visitação aos lugares públicos e culturais.

Os inqueridos declaram ser da maior importância para a escolha da atividade cultural o entretenimento que lhes sirva de relaxamento e distração mais do que como o crescimento intelectual. Destacam os autores que, livrarias, museus, galerias, feiras e exposições perdem em interesse.

A pesquisa Panorama Social da Cultura Brasileira ao propor a autonomia dos sujeitos pesquisados, explica o comportamento do “consumidor” da cultura a partir de questões externas como aquelas produzidas por instituições para além da família e da escola. Como exemplo as festas comunitárias, encontros pautados tanto pelas dimensões individuais e coletivas próprias de seu grupo identitário, nas quais não se pode esquecer as dimensões de poder imanentes aos instituintes intra e extra grupos, como lugar onde se evidenciam a produção das diferenças culturais de caráter étnico, linguístico, generificadas, geracionais, bem como econômicas-sociais.

Importante destacar que a realização de atividades de cunho cultural é maior quanto maior for a relação classe/renda e o grau de instrução. Evidenciou-se ainda que quanto maior o interesse por práticas culturais melhor a necessidade por novas experiências culturais.

Com apoio nesses dados algumas sugestões iniciais nos podem ser úteis na formulação de políticas inclusivas nos museus; (a) que trabalhos de formação de público incentivem a participação cultural, como visitas de famílias e seus filhos e instituições escolares, levando à concepção de que museus se constituem como espaços de construção de conhecimentos prazerosos, de encantamento e de memória, importantes à compreensão do mundo vivido; (b) que os museus se empenhem em dinâmicas e estruturas físicas que deem conta do trabalho educativo integral e integrado que pressuponha a diferença e a diversidade sempre presentes aos grupos sociais; (c) no ato de realizar uma experiência cultural de qualquer porte deverá se levar em conta a relação interesse pessoal conjugada à percepção da sua importância para a pessoa; sua experiência prévia; sua situação sócio demográfica; sua personalidade e os benefícios esperados por ele daquela atividade – diversão, conhecimento intelectual, lazer ou relaxamento. São respostas que fundamentarão sua motivação para determinada prática cultural, na qual se inclui, ser frequentador compreensivo dos nossos museus.

Nessa direção seguem os argumentos contidos neste artigo e que se encaminham no sentido de indicar a importância da educação integral e emancipatória para avanços na tarefa consistente dos Museus se transformarem efetivamente em espaços de libertação bem como seus patrimônios serem compreendidos como conceitos vivos sujeitos a

reapropriações e ressignificações e a Museologia como ciência a dar conta desta articulação.

A polifonia do patrimônio para repensar a Museologia, o Museu e seu público

A concepção de Patrimônio e sua polifonia (Paula et alli, 2012,p.9) aqui adotada, por si só, preenche os argumentos contidos neste artigo para repensar as tensões existentes entre o Patrimônio, a Museologia e o Museu, como seu objeto de estudos, na medida em que estes se investem de pluralidade e de intensa carga de sentidos. Trata-se do entendimento do patrimônio como um conceito aberto em desenvolvimento e pleno em sentidos, contradições e disputas. A sua polifonia, nos coloca, nesse breve estudo, diante das possibilidades de transformações oferecida pela Educação Integral que assume tanto o diálogo intercultural quanto a interdisciplinaridade e a potência das múltiplas dimensões da diversidade em suas peculiaridades.

Reconhece-se que os bens patrimoniais permitem melhor compreender os movimentos históricos dos quais se originam e se mantem em continuidade, de modo a que se conheça a diversidade das culturas humanas e, com isso, se valorizem a tradição, a memória e a pluralidade cultural existente no Brasil como princípio basilar em nossas relações sociais e culturais. Ou seja, se o patrimônio se reveste de sentidos e singularidades, em uma semântica e léxicos próprios, melhor nos referirmos a ele no plural, tendo em vista que a cultura é também plural. Culturas, aqui entendidas como uma dimensão do real na qual se reúnem práticas e instituições dedicadas a administração, renovação e reestruturação dos sentidos (Canclini, 1983:29), esses últimos, determinantes na identificação simbólica dos sujeitos e de seus grupos com sua diversidade. Desse modo, entendemos os Museus e seus planos educativos como territórios de produção, circulação e consolidação de significados, espaços privilegiados de concretização das políticas voltadas a essa identificação simbólica, maioria das vezes, com predominância discursiva das culturas hegemônicas na medida em que são elas que dispõem do capital econômico-financeiro indispensável a sua realização e que se tem ampliado em tempos de globalização econômico-financeira-cultural massiva.

Compreendo, argumentando com Santos, que a *globalização* é processo pelo qual determinada condição ou entidade local consegue estender a sua influência a todo o globo e, ao fazê-lo, desenvolve a capacidade de designar como local outra condição social ou entidade rival. Assim entendido, a globalização é fundamental a todo processo de produção de culturas e ressignificação de patrimônios na medida em que está sendo *bem sucedida e de determinado localismo, por outras palavras, não existe condição global para a qual não consigamos encontrar uma raiz local, uma imersão cultural específica* (Santos, 2009, p.72). Reconhecemos na análise que desenvolvemos que a localização e o território são condições intrínsecas aos globalismos, *entretanto estes se mantêm a partir dos discursos*

daqueles que venceram (Idem,ibdem).

Por esta reflexão epistemológica, considera-se que o gosto pela cultura, as escolhas e o estímulo em buscar níveis de conhecimento e encantamento oriundos destes, resultam das localidades, da singularidade bem como das ideologias dominantes. Nesse ponto, o reconhecimento muito presente no imaginário da maioria de nossas populações de que os seus conhecimentos não-cientificados são menores diante da sua ciência hegemônica. Dessa forma imaginada, camponeses, indígenas, quilombolas, ciganos e, muitos dos passantes nas calçadas dos museus transitam indiferentes a eles por não se sentirem à sua altura – simbolismo que se vai construindo desde a infância. Para Santos, tais sujeitos e seus conhecimentos situam-se entre outros existentes “do outro lado da linha” do poder hegemônico instituído. Os conhecimentos *menores* tornam-se invisíveis por se encontrarem para alguém “das verdades superiores” (não-lugar das crenças e presença da magia, da idolatria, das opiniões simplórias e “primitivas”, entre outras) que se tornam visíveis pelo mesmo motivo das ausências constantes do outro lado da linha abissal, tida como detentora do conhecimento universal, científico, verdadeiro e superior.

Nessa direção, Tutman Diegues (2013), mestre em Museologia e Patrimônio (PPG-PMUS/MAST) nos traz repetidas narrativas ouvidas dos indígenas de várias etnias em congresso internacional (Rio 92) na cidade do Rio de Janeiro: *não nos sentimos representados nos museus indígenas que existem no Brasil*. Generalizações, ou não, gostariam eles mesmos de criarem e serem os responsáveis por esses museus por compreenderem que ninguém melhor que eles para falar aos outros sobre suas culturas, também históricas, plurais e múltiplas. Importante, ainda acrescentar a essa reflexão a narrativa colhida por Adriano Vieira (2015), mestre (PPG-PMUS/MAST), que em suas pesquisas ouve de um aluno de escola pública em visita ao museu de arte sacra local, que defronte à imagem de Nossa Senhora da Conceição exclama com satisfação para espanto dos colegas e à vista da mediadora sem saber o que dizer: *Olhem, é a Yemanjá!!!! A Yemanjá!!!!* Nenhuma reação se observa da mediadora em sua perplexidade, despreparada que estava para o inusitado do conhecimento proveniente de outra cultura – é citada em um museu católico um símbolo oriundo de uma vertente da crença religiosa afro-brasileira? A dúvida se espalha entre os demais alunos que esperam respostas da mediadora em relação à figura religiosa do candomblé citada e que muitos deles bem conhecem, mas apenas nada se fala e a visita continua. Que momento inadiável para a reflexão histórica do grupo, trazer dos conhecimentos dos visitantes a cultura de seus antepassados, viver o momento educativo sem camuflagens e silenciamentos tida a cultura diversa como inexistente. Explica-se com estes fatos o afastamento do museu da diversidade das culturas. Observa-se com preocupação crescente ainda hoje, o distanciamento de nossas instituições museológicas do mundo cultural que lhes são próprias e raiz de todo conteúdo do pensamento humano. Afastamo-nos dos convívios comunitários, esquecemo-nos das tantas etnias e grupos sociais tradicionais que constituíram/constituem o caldo de nossa brasilidade, igualando a

tudo e a todos no afã de dominar a maioria oprimida, os trabalhadores, hoje sem trabalho e sem direitos.

Retomo nessa reflexão que se amplia, a ideia formulada por Santos (2009, p.23) sobre o pensamento abissal e as linhas imaginárias que elas propõem como essenciais para pensar o sistema sociopolítico, local e global, de onde se distinguem visibilidades e invisibilidades para a realidade social – a existência de dois universos reais: “deste lado da linha” e “do outro lado da linha”. Ou seja, “o outro lado da linha” corresponde em sua radicalidade ao inexistente e aquilo que inexiste, assim, nem mesmo pode ser pensado como excluído, concluo. O pensamento abissal tem ainda a capacidade de intensificar as distinções de tal forma que invisibilidades passam a fundamentar visibilidades (idem, p.24). Como complemento, refere Santos: *“No campo do conhecimento, o pensamento abissal consiste na concessão à ciência moderna do monopólio da distinção universal entre verdadeiro e falso, em detrimento de dois conhecimentos alternativos: a filosofia e a teologia”* (idem, p.25). E, desse modo passa-se a compreender com mais consistência as narrativas consequentes assinaladas acima.

Outra questão importante situa-se no campo do Direito ao referir-se a tais dicotomias universais como algo encontrado na linha divisória entre o “legal” e o “ilegal”. Voltando a Santos (idem, p. 26) entende-se a ciência e o direito como abissais na medida em que eliminam quaisquer possibilidades colocadas ao mundo pelo outro lado da linha. Cabe ressaltar que princípios éticos e jurídicos funcionam desigualmente dos dois lados da linha, daí questionar-se a concepção universalista dos direitos humanos como direito para todos e, propor-se os pressupostos da interculturalidade como referência para a superação dessas linhas que têm para a América Latina a linha imaginária do Tratado de Tordesilhas (1494) como primaz na distinção *eu* e *os outros*; o colonizador dos colonizados; dos desprovidos de saber e ciência daqueles que a possuem; dos humanos dos selvagens sem alma, portanto desumanos. Deste lado da linha o legal legitima o direito às terras e às riquezas expropriadas; se investe como o reino da paz, da amizade e da fé cristã; do outro lado da linha a justificação da violência, do arbítrio e da pilhagem (Santos, 2009, p.26-27).

Colonialismo/(des)colonialismo: elementos teóricos para repensar o Patrimônio e a Museologia

Compreender “quem eu sou?”, “quem tu és?”, “quem somos nós?” tem sido ao longo da história humana preocupação da filosofia e de crenças religiosas que se ocupam da verdade e da transcendência do homem em sua humanidade. Não obstante a alteridade se mostre viva como problematização intrínseca nesses questionamentos há que se destacar a estreita relação entre o *Eu* (Nós) e o *Lugar*, portanto entre identidade, espaço-tempo e natureza, como argumentou Reis, em artigo para o ICOFOM LAM (2013)⁷. Como lugares entendemos espaços ordenados pelo agenciamento humano caracterizados por vivências, experiências e sublinhados *microfisicamente pelo poder* e por *saberes disciplinados*

7 ICOFOM LAM/2013. Trabalho publicado em anais do congresso.

(FOUCAULT, 1979)⁸ em sua pluralidade em que vicejam a diversidade cultural estruturante do tecido social e geradora de contatos, transformações ou permanências (ibdem).

A bipolarização do mundo exercida por séculos com presença planetária traz em si as mesmas dicotomias que afetam os direitos humanos e a vidas das pessoas. Em nossa formação histórica a distinção Velho Mundo/Novo Mundo contribuiu para que direitos civis e políticos, direitos econômicos e sociais, capitalismo ascendente, cosmopolitismo, regulações, emancipações, a ciência e a teologia estivessem de um lado da linha e do outro, o lugar de diversos tipos de intervenções, política, militar, econômica, religiosa, artística, entre outras, impostas aos povos não-ocidentais e não-cristãos. Melhor argumentando, na divisão do mundo, saberes inferiores e direitos subtraídos se adequam a seres inferiores de onde se perdem diferentes e múltiplas experiências de vida e trabalho, técnicas e produtos bem acabados, porém desterritorializados, como sugere Santos como presentes na *zona colonial* (2009, p.26).

Ressalte-se que o colonial e o colonialismo como fato e fenômeno que os perpassam caracterizam-se por apresentarem-se por diferentes situações de apropriação (assimilação, integração, cooptações, etc.) e violência (física, moral, cultural, etc.) inclusive *a violência simbólica que articula dominação cultural e política tomando por base o poder sutil que mascara demais poderes em seu exercício* (Bourdieu, 2008).

Apoiando-me ainda em Santos (2009, p.31), reconheço que a realidade na América Latina atual se faz presente como antes. O pensamento moderno em suas opções políticas, sociais, culturais e econômico-capitalistas com variantes espaço-temporais têm nos modos coloniais a representação radical do modelo de exclusão/inclusão - inexistência/invisibilidade presente nas práticas e no pensamento contemporâneos. Argumenta-se que é possível, a partir da educação nos Museus, contribuir para transformações no *modus operandi* nesses espaços ao impregnarem-se da ideia de que os patrimônios, pessoal e coletivo, necessitam ser incorporados com vigor em todas as suas ações, não somente restringir-se a alguns espaços e departamentos educativos na medida em que se compreende que todas as instituições sociais e culturais estão comprometidas com a educação integral de todos sem nenhuma exceção.

Ao reafirmar nossa convicção que muito há a ser realizado no embate por um novo e transformador pensamento e práticas museológicas que superem as injustiças sociais e cognitivas globais, retorno a Santos (idem, p.33) ao denunciar que: (...) *a cartografia metafórica das linhas globais sobreviveu à cartografia das amity lines que separavam o Velho do Novo Mundo. A injustiça social global está intimamente ligada à injustiça cognitiva global. A luta pela justiça global deve, por isso, ser também uma luta pela justiça cognitiva*

⁸ Para Michel Foucault, em *Microfísica do Saber* (1976, 1ª ed) o poder não é um objeto natural, é uma prática social construída historicamente. Para ele, o poder através de técnicas de dominação, intervém materialmente sobre os corpos individuais, situando-se no próprio corpo social como mecanismo de poder que se expande sobre toda sociedade de forma micropulverizada. O que denomina microfísica do poder está intimamente associado aos procedimentos técnicos do poder que age no controle minucioso e detalhado do corpo a partir de gestos, atitudes, comportamentos, hábitos e discursos. *Microfísica do Poder*, Rio de Janeiro: Graal, 1979. Org e revisão de Roberto Machado.

global.

No entanto, o colonial e o colonialismo embora se constituam como missão civilizadora tendo por arbitragem a violência em todos os seus matizes, ocultada por um historicismo discursivo que se fez valer das teorias científicas e dos silêncios dos “condenados” (Reis, 2014), é complexo e permeado por lutas anticoloniais e libertadoras contra o poder hegemônico. O colonialismo que obedece ao discurso da ordem estabelecida para o outro lado da linha, traz em si mesmo, seu contraditório, situado na ideia da descolonização, que pretende a crítica ao universalismo e ao historicismo, abrindo grandes possibilidades para a afirmação e reconhecimento das diferenças e do diverso; da emancipação e da educação libertadora. Esta última emancipada das práticas e dos conteúdos predominantemente performativos e utilitários que se devem ausentar dos discursos *que “desconstroem as narrativas coloniais, escritas pelos colonizadores e que se procura substituí-las por narrativas escritas do ponto de vista do colonizado* (SANTOS, p.217).

Bom exemplo nos trazem as narrativas citadas anteriormente onde o “colonizado”-indígena, quilombola, migrante, estudante, entre tantos, a partir das lutas contra hegemônicas já se percebem como sujeitos de direitos e reivindicam para si a emancipação no embate contra a apropriação/violência e a ideia do pobre de cultura como discurso proveniente da segregação dos excluídos.

Colonialidade/Descolonialidade, um outro conceito em questão será aqui revisitado para melhor compreensão das tensões existentes entre patrimônio, Museu e Educação. Assim, vejamos.

A colonialidade difere do conceito de colonialismo embora a ele vinculado, sendo “um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista” (Quijano, 2009, p.75) se distingue, pois, do colonialismo por trazer pressupostos do poder tal como a classificação étnica/racial que opera em todas as estruturas e dimensões subjetivas e materiais. Com a colonialidade a América Latina tornou-se eurocentrada e presa fácil da modernidade e do capitalismo em expansão, articulados às dimensões de um poder específico, até a nossa atualidade, no qual se configuram novas identidades em ambientes geográficos diversos, fundindo-se colonialismo e colonialidade em atendimento das necessidades do capitalismo, por mais lucro e acumulação. Pergunta-se em que medida tais questões interferem nas relações entre Museus, Patrimônios e as pessoas, estas, entendidas a partir de seu patrimônio pessoal e coletivo?

Como sugestões colocadas em parágrafos anteriores ao resumirmos os dados situados no Panorama Social da Cultura Brasileira (2013/2014) ficou evidenciada a necessidade de compor-se um quadro de componentes estruturais e socioculturais capazes de transformar as condições que promovem as distancias presentes entre um lado e outro da linha abissal; entre o eu/nós comum e o eu/nós da cultura dominante nos museus e instituições de memória. Sendo expressiva a nossa diversidade étnica e sociocultural original em nosso país nos deparamos com peculiar mestiçagem prontas a

servir de condições, tanto para a salvaguarda do patrimônio cultural específico a cada grupo quanto para fortalecimento de medidas que incluam a todos nos museus.

Nesse processo, a importância da interculturalidade e da educação intercultural como dimensões capazes de marcarem divisores de água que se possa materializar nos modos de vida e na elaboração de políticas públicas que visem entender o patrimônio/patrimônios como instrumento referencial que transcende as fronteiras da construção imaginária e simbólica que se expressa no afastamento de público nos museus.

Sabe-se que durante séculos as culturas identificadas como não-cultura, a cultura africana, indígena, cigana e etc. Foram estereotipadas e silenciadas para justificar sua marginalização e esquecimento, fato que influencia sem sombra de dúvidas a seleção da memória a ser reconhecida ou esquecida por muitos que se agregam ao poder da classe dominante.

O que fazer quando uma população não se reconhece como capaz de partilhar com outros o patrimônio situado nos museus...? A maioria dos museus promovem ações e conteúdos identitários *dos outros que pouco conhecem* ao invés de promoverem ações indutoras de memória e da construção de identidade dos grupos diversos que tendem a frequentá-los. Esse pressuposto serve de argumento e justificativa para situar a educação integral e libertadora como fator de importância à elevar o sentido crítico das pessoas, informando as comunidades por vários meios midiáticos das estratégias educativas elaboradas para superar os conhecimentos que levaram aos esquecimentos e silenciamentos de suas culturas originais ao trazer à tona os processos históricos de sua produção e suas mudanças ao longo dos séculos.

A interculturalidade como fator de construção de uma cidadania plena

Uma outra linha de argumentos refere-se à urgência em (re)inventar uma nova realidade política, econômica, social e educativa da qual nossos Museus deem conta, contribuindo com sua parcela de responsabilidade para a refundação de uma nova ordem mundial, que seja transformadora/libertadora e não apenas “acolhedora” dos mais fracos no encontro de espaços existenciais para uniões, compartilhamentos e convivências.

Como nossos museus podem contribuir para a diminuição das desigualdades e das exclusões de tantos? Como encontrar saídas que conciliem identidade e diversidade na promoção da cidadania plena e de uma cultura de convivências solidárias, superando-se o termo e o conceito de tolerância? Importante desvelarmos as amarras que evidenciam tais fatos, desvelando fatos, processos e procedimentos que dificultam aprender a viver juntos em comunhão, como nos lembrava Freire.

O mundo é multicultural sendo necessário pensar-se numa sociedade intercultural a partir de sua multiplicidade, ou seja:

(...) em vez de um somatório ou justaposição de culturas que se confrontam ou se “toleram” num mesmo espaço, viver num cruzamento de culturas em transformação mútua, numa sociedade de direitos reais e efectivos – desde os direitos cívicos e políticos aos direitos económicos, sociais e culturais (Oullet, 1991).

Para Fernand Oullet (idem, ibidem) a educação intercultural designa toda a formação sistemática que visa desenvolver, quer nos grupos majoritários como nos minoritários: - melhor compreensão das culturas nas sociedades modernas; maior capacidade de comunicação entre pessoas de culturas diferentes; atitudes mais adaptadas ao contexto da diversidade cultural, através da compreensão dos mecanismos psicossociais e dos fatores sócio-políticos capazes de produzir racismo; maior capacidade de participar na interação social, criadora de identidades e de sentido de pertença comum à humanidade. Em qualquer espaço educativo *a educação intercultural implica questionar e aprofundar o conhecimento, abandonar o ego/etnocentrismo e adoptar um novo paradigma – “o outro como ponto de partida”* (Perotti, 1997).

A educação Integral como uma Pedagogia da Liberdade nos museus

Reis⁹ em artigo (2014) indica que as “revoluções educativas” nos museus são possíveis. As condições que emergem da educação libertadora e emancipatória proclamada por Paulo Freire indicam que mudanças já se presentificam no educativo dos museus no século XXI. Como é sabido, o pensamento educativo de Paulo Freire é um projeto emancipador no qual denuncia das experiências de dominação que despoderam os homens como, também, a afirmação da capacidade criadora do homem face a transformação de si e da sociedade opressora. Para Freire, educador e educando, ambos em comunhão criadora, libertam-se mutuamente para chegar a ser, ambos, produtores de novas experiências e novas oportunidades criativas na busca por novos caminhos. Nesse sentido, a educação como prática da liberdade, é práxis, é ato de conhecimento com a aproximação crítica da realidade que se exercita sendo estes os pressupostos da educação integral, superando conteúdos racistas, homofóbicos, generificados e geracionais. Reafirma o autor referindo-se à educação para a liberdade, em a Pedagogia do Oprimido (1996), educação em sua integralidade.

Uma educação que procura desenvolver a tomada de consciência e a atitude crítica, graças à qual o homem escolhe e decide, liberta-o em lugar de submetê-lo, de domesticá-lo, de adaptá-lo, como faz com muita frequência a educação em vigor num grande número de países do mundo, educação que tende a ajustar o indivíduo à sociedade, em lugar de promovê-lo em sua própria linha. (Freire, 1996)

9 CONGRESSO ICOFOM LAM - EDUCACIÓN Y ACCIÓN CULTURAL-CECA (2014)

Eixo 3.3 - La dimensión social del patrimonio; la diversidad cultural y la alteridad, lo global y lo local: pilares de la educación museal A DESCOLARIZAÇÃO/DESCOLONIZAÇÃO DOS MUSEUS: UMA REFLEXÃO ACERCA DA PEDAGOGIZAÇÃO DA PRÁTICA EDUCATIVA MUSEOLÓGICA

Para Freire, vencer o instituído presente na tradição e no cotidiano rotineiro não se deve procurar nas ideias e conhecimentos exteriores e distantes, mas na crítica da tradição, das ideias, dos conhecimentos e das políticas forjados por aqueles que se conformam. Nesse sentido, sua preocupação como de Santos com as condições integrais das pessoas e com o global em suas opressões e necessidades de mudanças sociais e educacionais.

Ambos se colocam contra a neutralidade da ciência e suas premissas colonizadoras daí pensar-se que os caminhos para a liberdade se encontrem nas possibilidades de superação da educação prescritiva e escolarizante ainda presente nas práticas educativas museológicas e investir em outras formas de educar nos museus que considerem os sujeitos, suas formas de subjetivação e seus patrimônios, pessoal e cultural, visando o atendimento de todos em igualdade de condições

O Museu e as diferenças culturais como tensões produtivas

Como temos assistido, em nossa sociedade contemporânea, se intensificam as divisões étnicas tais como se acentuam as divisões de classe, evidenciando-se as repetições dos preconceitos e das tensões de caráter étnico/cultural, fato que deveria ser improvável em uma instituição que traz por função a produção e reprodução da cultura e dos conhecimentos possíveis através dela. Diante do exposto, interroga-se quais as possibilidades e processos educativos apropriados estão presente nos museus para que os encontros interculturais aconteçam? Diante da complexidade de como as tensões se orientam, provavelmente a tomada de consciência elaborada nos museus para as mudanças devem levar em consideração os saberes e a ciência popular caso contrário poderá ser fatal para as escolhas do não-público em visitar ou não essas instituições de culturas e conhecer seu acervo, muito embora o registro de “novos” patrimônios, principalmente a categoria de patrimônio mundial e obras de autores renomados chamem a atenção pelo grande público que atraem nos dias atuais. Daí, entender-se como produtivas tais tensões na abertura das possibilidades de mudanças.

Escolarização/ (des)escolarização: elementos teóricos para repensar o Patrimônio e a Museologia

Nesse ponto das reflexões até aqui expostas, volto-me para a análise das relações que envolvem educação, patrimônio e museu educativo sob a perspectiva da cultura múltipla e plural e da política, como no dito de Foucault *a política é guerra que continua sob outra forma*. Aponta-se para as concepções e metodologias que se revestem de possibilidades para a transformação da educação nos museus, reforçadoras da tese que defendo sobre a importância de uma educação libertadora capaz de, no confronto das práticas hegemônicas e contra-hegemônicas, permitir a construção pelos sujeitos de uma consciência crítica da realidade diante de toda diversidade e complexidade que ao mundo se apresenta. Desse modo, segundo o roteiro a seguir finalizo as reflexões até aqui colocadas por não se esgotar

o tema em tela: (a) a ideia da superação da escolarização nos museus; (b) a compreensão de que nas práticas educativas museológicas se devem assentar de modo indissociável a diversidade cultural e a alteridade; o global e o local; (c) o entendimento dos Museus como espaços de diálogo intercultural e inclusivos, espaços democratizados e substitutos dos espaços elitistas e monologantes; (d) a metodologia da práxis como capaz de responder aos desafios contemporâneos voltados para uma educação crítica e libertadora.

Aponta-se para a importância de descolarizar as práticas educativas efetivadas nos Museus como capaz de escapar das limitações presentes nos discursos que apregoam, ora o ensino como preponderante ora a aprendizagem, como se os mesmos não constituíssem uma mesma unidade, ou melhor, se não fossem ambas partes indissolúveis de um mesmo processo integrado, posto que, conforme anuncia Paulo Freire *quem ensina também aprende*.

Enunciação divergente do paradigma epistemológico dominante constitutivo do universo teórico em que gravitavam as teorias da educação, em geral, e da prática educativa desenvolvida nos museus, em particular, com seu núcleo matriz presente nas diversas correntes do positivismo moderno. Compreendida como dimensão epistemológica que dissocia, sujeito e objeto, natureza e cultura; simplifica a complexidade que se matematiza carregando em si uma pseudo-realidade dominada pelo mecanicismo determinista ao separar o conhecimento científico de outras formas de entender o mundo validadas por experiências seculares de entendimento do real. Somente assim despontarão as possibilidades da transformação social esperada por muitos considerados desiguais.

Assim, ao propor um museu educativo para além do emblema ensinar ou aprender desafio-me a refletir sobre alternativas possíveis a esta condição bem como atender ao objetivo primeiro de investir contra a exclusão e a discriminação em diferentes domínios sociais de modo a levar à compreensão de que a(s) cultura(s) de um povo devem expor a sua normalidade sem reduzir sua particularidade e singularidade.

A educação pela práxis em um museu libertador

Segundo Reis (2014) em contraponto a uma visão de educação que determina relações unidimensionais de poder e saber, ou seja, uma concepção de educação na qual os planejadores da educação ao disporem do poder instituído tomam as decisões fundamentais para o conjunto da educação nos museus, passo a referir-me ao planejamento, execução/avaliação/novo planejamento educacionais sem destaque para os momentos especiais e eventuais que fazem parte da rotina pedagógica atual e local. Acreditando em um outro tipo de competência educativa, fruto da capacidade de refletir, criticar e criativamente enfrentar os problemas relativos à própria prática específica nestas instituições de patrimônio, memória e cultura compreendo a *metodologia da práxis*, sempre realimentada por uma visão dialética de totalidade, de movimentos e de mudanças como destaque ao caminho da transformação das formas congeladas de ver a educação. Educação que é ação e reação,

conteúdo e processo contínuo.

Desse modo, apresenta-se cinco passos importantes ao desenvolvimento dessa metodologia. Como **primeiro passo** a definição dos objetivos educacionais pelo próprio grupo (equipe pedagógica e todos os interessados no museu) tendo em vista suas expectativas, a explicitação de seus interesses e necessidades quanto ao patrimônio museológico em questão. Passo importante ao fortalecimento da cidadania. Ressalta-se que o mediador, como um sujeito entre os outros sujeitos, levará ao debate a escolha, também de seus projetos, sem impô-los, e que a partir daí, os objetivos devem ser claramente definidos e entendidos por todos. Como **segundo passo**, que chamaremos descrição da prática, trata de buscar no contexto, os elementos das práticas sociais a serem importantes às expectativas reivindicadas pelos projetos iniciais de interesse dos grupos. Essa ação possibilitará uma reflexão crítica daquilo que já foi construído e elaborado em outras ocasiões. Delineiam-se, a partir daí, as questões a aprofundar e que se remetem aos objetivos propostos de início. O **terceiro passo** é a criação do método, do caminho a percorrer para atingir os objetivos – a construção coletiva de projetos. Este é o espaço aberto da metodologia e que precisa da ação indispensável de todos. É hora de se definir os planos, as tarefas comuns, cronogramas, etc. Nesse ponto, o **quarto passo**, momento de se decompor o tema, desagregá-lo em seus fatos, fenômenos e nós que já delineiam com clareza a necessidade de maior embasamento e momento em que se evidenciam os pontos a estudar e pesquisar, por exemplo, expor e compreender a diversidade, procurando o que existe por trás dela. Esta é a oportunidade para o maior embasamento das questões requeridas, articulando-se com mais ênfase o saber trazido por todas as pessoas que procuram os museus com seu saber historicamente elaborado. O **quinto passo**, é o momento em que se dá a síntese e a avaliação de todas as experiências e novos saberes a serem construídos. É o momento em que, partindo da diversidade apontada e estudada anteriormente, se reconstrói, no plano do pensamento a unidade do real. É, ao mesmo tempo, espaço de planejamento da prática posterior, renovada pelo conhecimento contextualizado, abrangente e aprofundado da problemática colocada. A avaliação é também fundamental pois é o instante em que a prática concreta se realiza na comparação dos objetivos definidos pelo grupo desde o início até aos problemas colocados no decorrer das atividades e desenvolvidas, de modo a reencaminhar o processo, redefinir as necessidades, os objetivos e/ou reorganizar as atividades.

O caminho é árduo, na medida em que temos que recusar muitos dos valores e conceitos estabelecidos por nós em nosso fazer cotidiano e, mesmo, romper com as descrenças de muitos. No entanto, esta dimensão do fazer junto é educar-se a si e aos outros por meio da interculturalidade necessária ao fazer humano de modo a proporcionar o etnoReconhecimento daqueles que se curvaram diante de poderes e saberes coloniais por toda vida e a todos impostos.

Para não concluir: Desafios para a Educação e a Museologia contemporâneas

Esta breve reflexão, sem pretensões de esgotar o tema, permitiu entender que existem muitos desafios a enfrentar para modificar o quadro atualmente existente na relação Patrimônio Cultural-Museologia-Educação nos museus em nossa contemporaneidade, mas que podem ser superados a partir de reflexões sobre as tensões existentes entre colonialidade/colonialismo, diálogo intercultural/etnoReconhecimento. A partir de tais concepções que podem influenciar novos espaços de conquista como também reforçar elementos de dominação levantamos alguns dados a partir da pesquisa constante no Panorama e indicamos algumas saídas capazes de produzir elementos de contra hegemonia evidenciados aos olhos dos bons de ver como facilitadores de modificar a educação museológica em toda sua extensão. Diante desta perspectiva pensamos na importância de descolarizar e descolonizar as ações de um museu que se quer educativo, partindo da ideia de superar todas as formas congeladas de um colonialismo que teima em se fazer presente em nosso cotidiano vivido e compartilhado como tendência que acompanha todas as instituições disciplinares de educação formal e não-formal, como museus e escolas.

De modo a compreender a articulação diversidade(s) e sua negação como próprias das formas de explicar o real, sendo este instituído como um dos elementos formativos do colonialismo com sua cultura unicista e da colonialidade como vetor de preponderância do racismo e do eurocentrismo, propus nesse artigo a utilização de passos para a consecução da metodologia da práxis, cujo emblema é Paulo Freire que com base no materialismo histórico defendido por Marx & Engels propõe uma educação para a liberdade pensando nos oprimidos e “desqualificados” por serem desiguais em sua igualdade.

Devemos reconhecer que somos pouco ouvintes das vozes das cidades e, por isso, apartamo-nos também, das diversas manifestações de nossa inteireza e boniteza que habitam em nós e ao nosso redor e, que nos possibilitam fazer fluir os sentimentos e as emoções diversas. Não vemos, não enxergamos e, maioria das vezes, sequer queremos ver, prisioneiros que somos de uma racionalidade que conjura o prazer e a diferença. Permanecemos diante de todas as contingências e circunstâncias alheios a elas, voltados para nós mesmos. E, nos Museus ritualizamos regras e normas pré-determinadas cada vez mais cruéis diante do globalismo que se materializa no econômico-financeiro, excluindo aqueles desprovidos da sorte de ter e de não ser. Todavia, ao quedarmo-nos perdidos nos rituais de transmissão-promoção-retenção deixamos de lado os tempo-espacos de (re) criação de valores éticos, estéticos, morais e espirituais tão necessários aos tempos que se avizinham.

REFERÊNCIAS

Allucci, Renata Rendelucci, Jordão. Gisele, **PANORAMA SETORIAL DA CULTURA BRASILEIRA 2013-2014**. São Paulo: Allucci & Associados Comunicações, 2014. 232 p. color. ISBN: 978-85-61020-06-4

CasaGrande de Paula. Z., Mendonça Lucia, Romanello Jorge Luis (orgs). **POLIFONIA DO PATRIMÔNIO**: Londrina.EDUEL 201

Foucault, Michel. **DITS ET ÉCRITS: 1980-1988**. Paris: Gallimard: 1994. t.4

_____. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 6.ed. Petrópolis:Vozes. 1997.

_____. **A ORDEM DO DISCURSO: AULA PRONUNCIADA NO COLLÈGE DE FRANCE, 02/12/70**. São Paulo: Loyola, 1999.

Freire, Paulo. **CONSCIENTIZAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA DA LIBERTAÇÃO**. São Paulo: Cortez & Moraes.1979., 1ª edição.

_____. **PEDAGOGIA DO OPRIMIDO**, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1987.

Reis, Maria Amelia. **A DESCOLARIZAÇÃO/DESCOLONIZAÇÃO DOS MUSEUS: UMA REFLEXÃO ACERCA DA PEDAGOGIZAÇÃO DA PRÁTICA EDUCATIVA MUSEOLÓGICA**. Eixo 03: La dimensión social del patrimonio; la diversidad cultural y la alteridad, lo global y lo local: pilares de la educación museal: ICOFOM LAM/2013. Trabalho publicado nos anais do congresso.

_____. **A EDUCAÇÃO PELA PRÁXIS EM MUSEUS: DESAFIOS E AVANÇOS RUMO A UMA EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA, INTERCULTURAL E TRANSFORMADORA**, "*La educación es el arma más poderosa para cambiar el mundo*": Reunión CECA 2014. Trabalho publicado nos Anais do Congresso

SANTOS, Boaventura Sousa. **UMA CONCEPÇÃO MULTICULTURAL DE DIREITOS HUMANOS**. *Lua Nova* [online]. 1997, n.39 ISSN 0102-6445. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64451997000100007>.

_____. & Meneses Maria Paula (orgs). **EPISTEMOLOGIAS DO SUL: PARA ALÉM DO PENSAMENTO ABISSAL: DAS LINHAS GLOBAIS A UMA ECOLOGIA DE SABERES**. Edições Almedina. SA. Portugal. 2009.p. 23/72

Quijano, Anibal. **COLONIALIDADE DO PODER E CLASSIFICAÇÃO SOCIAL: EPISTEMOLOGIAS DO SUL**. Edições Almedina. SA. Portugal. 2009.p. 73/118.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise Econômico-financeira 83
Aprendizagem Organizacional 88, 89, 136, 361
Atividade Física 43, 44, 46, 47, 48, 51
Auditoria 83, 84, 86, 190

C

Capacidade Absortiva 7, 88, 89, 90, 91, 93, 95
Cerâmica 7, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 157
Compartilhamento 27, 29, 30, 31, 38, 39, 41, 42, 92, 116, 122, 177, 326, 334, 344, 360
Comunidade de Aprendizagem 111, 362
Conhecimento 6, 7, 9, 10, 2, 5, 6, 7, 9, 10, 14, 16, 17, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 55, 58, 62, 63, 64, 65, 73, 74, 82, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 98, 113, 115, 116, 126, 127, 130, 132, 135, 136, 138, 140, 141, 149, 160, 161, 168, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 192, 201, 205, 206, 208, 210, 216, 219, 223, 235, 248, 265, 274, 276, 277, 278, 279, 292, 293, 295, 297, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 316, 317, 321, 323, 333, 335, 336, 338, 340, 342, 343, 344, 346, 349, 360, 361, 362, 363, 367, 368, 369, 371, 388, 390, 394, 405, 406, 407, 411, 414, 416, 418
Contabilidade Pública 83
Cooperação 7, 47, 93, 114, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 152, 153, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 169, 170, 172, 180, 228, 229, 280, 361, 397, 398

D

Desastres Climáticos 7, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 108, 109
Desconsideração 6, 20, 21, 22, 23, 24, 25
Desenvolvimento Econômico 5, 7, 25, 30, 124, 136, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 226, 227, 228, 229, 230, 232, 233, 234, 239, 241, 280, 360
Desenvolvimento Social 75, 140, 141, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 194, 202, 348, 357
Direito empresarial 6, 20

E

Educação Intercultural 1, 13, 14
Ensino Prisional 53, 55
Estado 6, 8, 1, 31, 32, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 53, 55, 58, 61, 67, 75, 81, 103, 105, 110, 113, 114, 117, 120, 122, 130, 132, 136, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149,

150, 151, 153, 154, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 175, 183, 188, 189, 204, 206, 207, 208, 209, 222, 224, 230, 231, 235, 246, 247, 251, 252, 257, 263, 274, 316, 320, 326, 336, 348, 349, 351, 358, 371, 415

etnoReconhecimento 1, 2, 3, 17, 18

Extensão Acadêmica 111

G

Gestão 6, 8, 3, 5, 27, 28, 29, 30, 36, 37, 40, 41, 88, 89, 93, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 130, 138, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 160, 161, 162, 174, 175, 177, 187, 188, 190, 191, 198, 199, 200, 201, 202, 219, 223, 226, 228, 229, 230, 231, 236, 237, 238, 241, 242, 243, 281, 282, 295, 352, 357, 370, 388, 395, 397, 405, 416, 418

Gestão do conhecimento 6, 27, 29, 36, 40, 88, 174, 177

Guerreiro Ramos 6, 68, 69, 70, 71, 74, 76, 80

I

Inovação 7, 27, 29, 36, 38, 39, 41, 75, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 98, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 152, 153, 155, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 177, 180, 181, 184, 269, 359, 360, 361, 364, 371, 375

Inteligência 6, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 52, 271, 272, 339, 340, 377

J

Justiça do trabalho 20, 21, 22, 24, 25

K

Karl Mannheim 68, 69, 70, 71, 81, 82

L

Liderança 7, 47, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 131, 156, 157, 165, 170, 171, 182, 280, 362

M

Municípios Paranaenses 7, 100, 102, 104

Museus 6, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 313, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 329, 330, 331

P

Personalidade Jurídica 6, 20, 21, 22, 23, 24, 25

Pesquisa Aplicada 124, 125, 133

Pesquisa Básica 124, 125, 131

Planificação 6, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 116

Policial Militar 43, 45, 47, 48, 49

Prática Estratégica 53, 59, 61, 67

Projeto de Arte 111

Projeto de Remição pela Leitura 53, 57, 58, 60, 63

Psicologia Militar 43, 46

R

Reforma Trabalhista 6, 20, 21, 24, 25

Resiliência Financeira 7, 100, 101, 102, 104, 105, 108

Revisão sistemática 7, 88, 92, 95

S

Saúde do Trabalho 43

Segurança Pública 5, 6, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 49

Suicídio 43, 47, 49, 50, 51, 52

Da Teoria à Prática em Pesquisas nas Ciências Sociais Aplicadas

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2021

Da Teoria à Prática em Pesquisas nas Ciências Sociais Aplicadas



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2021